



O GAÚCHO

BRASIL 500 ANOS

Ano 2000

Especial

nº 1

Fundado no Sesquicentenário da Batalha do Seival

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL

SUMÁRIO

- INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RGS (IHTRGS) –OBJETIVOS;
- NOVA DIRETORIA DO IHTRGS;
- CADEIRAS DO IHTRGS HOMENAGEANDO ASSINALADOS HISTORIADORES, TRADICIONALISTAS E FOLCLORISTAS GAÚCHOS;
- SÍNTESE HISTÓRICA DO IHTRGS 1986-2000;
- PIRATINI, UM SAGRADO SÍMBOLO GAÚCHO FARRAPO;
- OS 155 ANOS DA PAZ FARRAPA EM DOM PEDRITO EM 28Fev e 01Mar1845.

NOTAS DIVERSAS - INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RGS (IHTRGS)

“O IHTRGS, criado em 10Set1986 em Pelotas, sesquicentenário do Combate do Seival objetiva como o concurso governamental, do empresariado, da mídia, da comunidade em geral e dos historiadores, tradicionalistas e folcloristas gaúchos, levar a efeito um mutirão permanente, com vistas à preservação, a pesquisa, ao culto e a divulgação, com a maior penetração popular possível, da História, da Tradição e do Folclore do Rio Grande do Sul, procurando ao mesmo tempo incentivar e mesmo convidar a que participem e animem este objetivo, as autoridades gaúchas com responsabilidade e dever constitucional de Estado por estas ações culturais.

NOVA DIRETORIA DO IHTRGS

Considerando:

O envelhecimento dos quadros do IHTRGS, desde a sua criação há 14 anos, com lamentáveis perdas em seu quadro social por morte e mesmo impossibilidade de atuação efetiva. A necessidade conseqüente de dinamizá-lo e enraizá-lo no Rio Grande do Sul e, em especial em Porto Alegre, sua capital. A existência de um forte núcleo apoiado no Casarão da Várzea, caserna do Colégio Militar de Porto Alegre onde há 102 anos em 1898, o então Major de Cavalaria João Cezimbra Jaques e atual patrono do MTG, fundou o Grêmio Gaúcho com civis e oficiais e alunos da então Escola Preparatória e Tática de Porto Alegre. Núcleo que possui sala onde se acha instalada a sua Sede Administrativa e Centro de Informações, cedida por empréstimo pelo Comando da 3ª RM, ao lado da redação do Tradição. A dificuldade crescente de membros da Diretoria de exercerem na plenitude suas funções por limitações de saúde ou idade. A necessidade de dinamizar o IHTRGS, que vem perdendo a sua impulsão inicial. Resolvo (Resolução 1/2000 de 24Mai2000):

Ouvida a atual Diretoria Executiva, e no uso das atribuições que nos conferem os Estatutos do IHTRGS confirmar a seguinte Diretoria Executiva:

DIRETORIA

Presidente CLÁUDIO MOREIRA BENTO - Itatiaia -RJ

2º Presidente e Secretário Geral OSÓRIO SANTANA FIGUEIREDO -São Gabriel/RS
1º Vice Presidente LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS - Porto Alegre -RS
2º Vice Presidente AROLDI MEDINA - Porto Alegre -RS
Coordenador LEONARDO ROBERTO CARVALHO DE ARAÚJO - Porto Alegre
Secretaria e Tesouraria CTG PIQUETE DA VÁRZEA, no Colégio Militar de Porto Alegre
Conselheiros fiscais: EDMIR MÁRMORA JUNIOR, JOSÉ CONRADO DE SOUZA e ERILDO SIMEÃO JÚNIOR
Comissão de Relações Públicas e Redação O GAÚCHO: JOSÉ CONRADO DE SOUZA, EDSON OTTO e CLÁUDIO BELÉM DE OLIVEIRA - Porto Alegre
Conselheiros de Tradições Gaúchas: IVO BENFFATO- Porto Alegre – RS, ARMANDO ECÍQUO PERES -Canguçu-RS e ÂNGELO PIRES MOREIRA - Pelotas-RS
Conselheiros de História/RGS: JOSÉ LUIS SILVEIRA, Santa Maria-RS, OSÓRIO SANTANA FIGUEIREDO, São Gabriel e CARLOS FONTTES, Uruguaiana -RS.
Conselheiro de Folclore: Hélio Moro Mariante - Porto Alegre.
Delegados do IHTRGS: JONAS DE MORAIS CORREIA NETO - no Rio de Janeiro RUY PAULO DZIOBRZINSKI , na Sociedade Sul Rio-Grandense no Rio de Janeiro; LUIS RENATO BRAGAGNOLO no GTG Galpão da Saudade da Academia Militar das Agulhas Negras; LEONARDO ROBERTO ARAÚJO no Núcleo do IHTRGS Cel João Cezimbra Jaques no CMPA; OSÓRIO SANTANA FIGUEIREDO em São Gabriel-RS; CARLOS FONTTES - Uruguaiana – RS; ARMANDO ECÍQUO PERES em Canguçu –RS; CAIRO MOREIRA PINHEIRO em Pelotas –RS; JOSÉ LUIS SILVEIRA em Santa Maria –RS; PEDRO ARI VERISSIMO DA FONSECA em Passo Fundo –RS; MÁRIO GARDELIN - Caxias do Sul –RS; ADILSON NUNES -D.PEDRITO –RS.
Ass: Cláudio Moreira Bento, Presidente do IHTRGS

O IHTRGS ADOTARÁ HISTORIADORES, TRADICIONALISTAS E FOLCLORISTAS GAÚCHOS FALECIDOS E DE ATUAÇÃO ASSINALADA PARA PATRONOS DE CADEIRAS, INCLUSIVE, EXEPCIONALMENTE, NÃO GAÚCHOS.

O IHTRGS adotará doravante a modalidade de patronos de cadeiras, historiadores, tradicionalistas e folcloristas gaúchos em princípio falecidos, a serem ocupadas por sócios efetivos que mais se destacaram desde a fundação do IHTRGS e se mostraram mais solidários aos objetivos do IHTRGS. A presidência está aceitando sugestões além dos nomes já fixados de João Cezimbra Jaques, João Simões Lopes Neto, intelectuais gaúchos que melhor traduzem, por suas obras e ações, os objetivos culturais perseguidos pelo IHTRGS há 14 anos e dos quais transcrevemos este pensamento e mais o do IHTRGS, os quais tem motivado a sua ação cultural como ONG .

“Meu Rio Grande do Sul onde a cada passo em teu chão se acorda um eco. Onde cada barranca de teus rios conhece uma História. Onde cada coxilha tua foi testemunha de um fato heróico e onde cada cidade tua abriga em seu seio fatos históricos importantes (J. Simões Lopes Neto).

“O minuano ao tocar nas plagas rio-grandenses e revolver a poeira das gerações passadas, retempera as gerações presentes. A boa tradição é o melhor da alma nacional e povo sem tradição é como uma árvore sem raízes. (João Cezimbra Jaques).

A Tradição é a alma de um povo e, a sua História é a mãe da Tradição. Povo sem Tradição ou que a se possuindo não a cultue é nau sem bússola à deriva numa tempestade, sem saber de onde veio, onde é que está e para onde é que vai! (IHTRGS).

SÍNTESE HISTÓRICA DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RGS

Em 10Set1986, sesquicentenário do combate do Seival que criou condições para a Proclamação da República Rio Grandense (1836-45) no dia seguinte no Campo do Menezes, foi fundado, em cerimônia concorridíssima, na Escola Técnica de Pelotas, o **Instituto de História e Tradições do RGS (IHTRGS)**. Instituição destinada a memorar com prioridade fastos sesquicentenários da Revolução Farroupilha (1835-45). Fundação toda documentada em volume especial.

Como sócios efetivos fundadores figuraram Alberto R. Rodrigues, Ângelo Pires Moreira (coordenador), Arnaldo Luiz Cassol, Clayr Lobo Rochefort, Cláudio Moreira Bento (presidente), Corálio Cabeda, Fernando O'Donnell, Gastão Abbot (falecido), Hélio Moro Mariante (vice presidente), Ivo Caggiani, Jonas Morais Correia Neto, José Luiz Silveira(2º vice), Júlio Petersen, Manoel Rodrigues, Mario Gardelin, Mario Mattos, Marlene Coelho, Morivalde Calvet Fagundes, Mozart Pereira Soares, Osório Santana Figueiredo (secretário), Péricles Azambuja, Sejanos Dorneles (falecido) e Telmo Lauro Muller.

Dentre as múltiplas realizações do IHTRGS registradas em seus Anais mencione-se encontros anuais com vistas a integrar historiadores, tradicionalistas e folcloristas isolados no seu movimento cultural, estreitar laços de amizade e culturais entre eles e deslocar-se até os locais cenários de fatos históricos para comemorá-los. Assim, em Pelotas ocorreu o encontro de fundação na **Escola Técnica Federal** coordenado por Ângelo Pires Moreira e com apoio do **Diário Popular** através de Clayr Lobo Rochefort que dedicou edição especial ao combate do Seival, da lavra do presidente.

Em 08Abr1987 ocorreu o Encontro de Caçapava do Sul, no **Clube União Caçapavano**, sob a coordenação de Arnaldo Luiz Cassol, onde foi empossado como efetivo Humberto Fossa.

Em 13Set1987 ocorreu mais um encontro em Pelotas na sede da **União Gaúcha Simões Lopes Neto**, mais uma vez sob a coordenação de Ângelo Pires Moreira. Encontro que se estendeu a Porto Alegre no CPOR/PA, com conferência do presidente sobre os **Sítios farrapos de Porto Alegre** e sob a coordenação do sócio Gen Jonas de Morais Correa Neto no comando da 6ª DE.

Em 30Abr1988 ocorreu o encontro de Rio Pardo, comemorativo do sesquicentenário da maior vitória farrapa - o combate do Rio Pardo, quando foi lançada plaqueta alusiva pelo presidente. Encontro ocorrido no **Clube Literário Recreativo de Rio Pardo**.

Em 10Set1988 ocorreu o encontro de Canguçu, na **Casa de Cultura**, tendo como tema o combate de Serro Alegre de 20Set1932, quando foi lançada plaqueta alusiva de José Luiz Silveira (veterano do combate) e Osório Santana Figueiredo, e preparatória à fundação 3 dias após, da **Academia Canguçuense de História**. Encontro coordenado por Marlene Barbosa Coelho, onde foi efetivado o tradicionalista Armando Eciquo Perez, que representara o Instituto no sesquicentenário de instalação da República Rio Grandense em Piratini, em 06Nov1986 e que mereceu do **Diário Popular** memorização condigna do fato histórico.

Em 10Jul1989 ocorreu o encontro de São Borja, no **Teatro do Regimento João Manoel** tendo como tema central a comemoração à resistência à invasão paraguaia em 1865. Coordenaram o evento os sócios efetivos então empossados Sérgio Roberto Dentino Morgado e Aparício Silva Rillo. Houve visita às ruínas de São Miguel.

Em 15Set1990 e 28Set1991 ocorreram os encontros de São Gabriel, na **Associação Alcides Maya**, sob a coordenação do sócio Osório Santana Figueiredo um dos esteios do IHTRGS e com apoio cultural e logístico do dr. Milton Teixeira, quando foi efetivado o poeta gaúcho Caio Prates da Silveira e muito evocada a obra de Alcides Maya.

Em 14Set1992 ocorreu o encontro de Lavras do Sul, no **Plenarinho da Casa de Cultura José Neri da Silveira** sob a coordenação do sócio Edilberto Teixeira.

Em 25Set1993 ocorreu o encontro de Santana do Livramento de caráter internacional e marcadamente histórico e tradicionalista, na **Associação Comercial e Industrial** sob a coordenação do historiador santanense Ivo Caggiani, ocasião em que foi lançada a obra **O Exército Farrapo e seus chefes** da lavra do presidente e diplomados efetivos os historiadores Raul Pont, Miguel Jaques Trindade e Blau Souza.

Em 07Abr1995 ocorreu o encontro do Rio de Janeiro, na sede do **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, sob a coordenação do sócio então empossado Manoel Pessoa Mello Farias, coordenador do Núcleo Rio de Janeiro do IHTRGS que reúne diversos e ilustres gaúchos e gaúchas residindo no Rio de Janeiro e também sócios da quase sesquicentenária **Sociedade Sul Riograndense** ali existente. Na oportunidade foram diplomados sócios efetivos Manoel Pessoa Mello Farias, Edson Otto, Daoiz de La Roche, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca e Ciro Dutra Ferreira. Categoria a qual já

havia sido empossados quando da fundação do Núcleo do IHTRGS na Escola de Comando e Estado - Maior do Exército, P.J. Mallet Joubim e Hélio Almeida Brum.

Dia 10Set 1996 o IHTRGS faz seu encontro no Rio de Janeiro na sede do **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** em parceria com a **Sociedade Sul - Rio Grandense** e seu **CTG Desgarrados do Pago** e mais o **Galpão da Saudade da Academia Militar das Agulhas Negras**, para memorar no seu 10º aniversário e suas realizações em prol da História, Folclore e Tradições do Rio Grande do Sul. E o fez com a satisfação de já haver superado o tempo de duração da **República Rio Grandense**, cujos fastos se propôs a prioritariamente memorar e divulgar, o que tem consciência de haver bem cumprido.

A partir daí foram realizados encontros internacionais em Alegrete e o último em 15/16 abril em Rosário do Sul. Em 27Mai1999 o IHTRGS realizou memorável encontro no **Salão Brasil do Colégio Militar de Porto Alegre** onde reverenciou a memória dos seguintes sócios falecidos então evocados por cada novo sócio que os substituíram.

Foi feito um minuto de silêncio, em reverência e saudades e em lembrança de suas ações culturais em prol da maior grandeza da História, da Tradição e do Folclore do Rio Grande aos confrades do IHTRGS falecidos; Arthur Ferreira Filho, de São José do Norte: Aparício da Silva Rillo - Porto Alegre (viveu em São Borja); Raul Pont, de Uruguaiana; Miguel Jaques Trindade, do Alegrete; Edilberto Teixeira, de Lavras do Sul, Arnaldo Cassol de Caçapava do Sul: Humberto Castro Fossa, de Encruzilhada do Sul, Sejanos Dorneles, de Santa Vitória do Palmar; Manoel Pessoa Mello Faria, de Pelotas (viveu no Rio); Hélio de Almeida Brum, de D.Pedrito (viveu no Rio) e Marlene Barbosa Coelho, de Canguçu. Foram então eleitos novos sócios efetivos: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Ivo Benfatto, Flávio Mabilde, Aroldo Medina, José Conrado de Souza, Leonardo R. de Araujo e Cláudio Belém de Oliveira.

Nestes 14 anos de resistência cultural, como vimos, alguns dos soldados do **IHTRGS** faleceram, outros foram atingidos por problemas de idade e outras limitações para uma presença mais efetiva em suas atividades. A renovação de novos nomes foi pouca, de igual forma que nas demais entidades brasileiras do gênero, parecendo que as novas gerações são avessas a estudos históricos ou pelo menos a produção e a divulgação históricas o que nos parece lamentável. E no caso do Rio Grande do Sul como ficará breve a sua perspectiva e a identidade históricas na cabeça das novas gerações gaúchas? Só Deus sabe!

Aqui, por oportuno, registre-se o apoio que o IHTRGS teve de parte do jornal **Diário Popular** de Pelotas, de **A Platéia** de Santana, dos mensários **Ombro a Ombro** e **Letras em Marcha** e ultimamente de o **Tradição** editado pelo sócio efetivo Edson Otto e hoje órgão de divulgação oficial do **IHTRGS**, **MTG** e da **CBTG**.

Em **História** ou **Estória**, o presidente, em **Tradição/Maio96** (ano da consciência tradicionalista) abordou a conjuntura crítica da historiografia brasileira, assunto estratégico nacional, para o qual os governos em todos os níveis e a Mídia, salvo raras e honrosas exceções, não tem dado a menor atenção. Em vista desta postura de quem teria obrigação social e cívica de estimular estudos de História, qual o jovem que se animará a dedicar-se a este assunto? E quem no futuro escreverá **HISTÓRIA** e não **ESTÓRIA** do Rio Grande do Sul, como bússola para a construção segura do futuro do Rio Grande do Sul e de seus filhos e como mãe legítima das **TRADIÇÕES GAÚCHAS**? Eis a pergunta que o IHTRGS deixa no ar. Queira Deus que os estudos de História do Rio Grande do Sul sejam retomados com vigor para que produzam perspectiva e identidade históricas seguras. E estas mais consensos sobre soluções a implementar! E aqui nossas saudades e homenagem aos sócios falecidos do IHTRGS que contribuíram para a maior grandeza da História, Tradições e Folclore do Rio Grande do Sul: Arthur Ferreira Filho (de São José do Norte), Carlos Reverbel (Porto Alegre), Gastão Abbot (São Gabriel), Aparício da Silva Rillo - Porto Alegre (viveu em São Borja), Raul Pont (de Uruguaiana), Miguel Jaques Trindade (do Alegrete), Edilberto Teixeira (de Lavras do Sul), Arnaldo Cassol, Reynaldo Cidade e Nicolau S. Abrão (de Caçapava do Sul), Humberto Castro Fossa (Encruzilhada do Sul), Sejanos Dornelles (de Santa Vitória do Palmar), Manoel Pessoa Mello Faria, de Pelotas (viveu no Rio), Hélio de Almeida Brum e Laudelino Medeiros (de D. Pedrito), Marlene Barbosa Coelho (de Canguçu), Ivo Leites Caggianni (de Sant'ana do Livramento) e Dante de Laytano (Porto Alegre).

Continuam vivos mas limitados por problemas de saúde ou de idade avançada Hélio Moro Mariante (Santana), Morivalde Calvet Fagundes (Porto Alegre), Jacob Parmagnani (historiador dos Lassalistas), Júlio Petersen (Porto Alegre) e Mallet Joubim (Rio) ao que sabemos. O livro de Atas das reuniões se encontra com o atual 2º Presidente e Secretário-geral Osório Santana Figueiredo e a documentação relativa aos encontros realizados estão em Itatiaia com o Presidente Cel Cláudio Moreira Bento à espera de uma oportunidade para encaderná-los como toda a documentação da fundação e serem centralizados em Porto Alegre.

PIRATINI -UM SAGRADO SÍMBOLO GAÚCHO FARRAPO

“Se rasgou o negro lençol de nuvens que envolvia a vastidão dos céus. E do lado do Sul brilhou uma estrela - PIRATINI, na qual se lia Amor, Fraternidade, Humildade. (Tito Lívio Zambecari em artigo em 1839)

A Revolução Farroupilha (1835-45), orgulho cívico dos gaúchos, proclamou a República Rio Grandense, muito confundida como República de Piratini, a qual se constituiu na única experiência republicana brasileira efetiva antes de 19Nov1889. Revolução que teve por epicentro e pólo irradiador o então município de Piratini, criado em 1832, ao qual pertenciam os municípios de Bagé (até o Pirai), Hulha Negra, Candiota, Pinheiro Machado, Cerrito e Canguçu. À Piratini por decreto de Bento Gonçalves, de 4 ago 1838, foi incorporado parte do atual município de D. Pedrito, ao sul do arroio Jaguari e a leste do arroio Ponche Verde. Pelo grande simbolismo e projeção histórica farrapa que encerra o nome Piratini, nas histórias do Decênio Heróico e do Rio Grande do Sul, impõe-se como dever de justiça, na voz da História, evocar aos gaúchos, em especial aos tradicionalistas, a projeção de Piratini na História do Rio Grande e a razão do título deste artigo.

Origens da cidade de Piratini, a primeira capital farrapa

Mapa da Demarcação do Tratado de Santo Ildefonso de 1777 levantado entre 1784-88, que reproduzimos em **O Negro e descendentes na Sociedade do RGS** (p.185), registra no rio Piratini o passo do Acampamento. Este, local de acampamento dos demarcadores do tratado citado. Logo acima estâncias portuguesas já infiltradas ao sul do Piratini em desacordo com o tratado referido e, inclusive charqueadas, ao sul da confluência do Piratini com o canal São Gonçalo. Concluídos os levantamentos, por Carta de 6 julho 1889 do Vice Rei do Brasil foram concedidas em Piratini, 48 datas de terras a casais de açorianos. Concessões no Capão Grande do Piratini, entre os arroios Piratini Mirim a leste e o do moinho de José Matos de Guimarães (meu tetravó paterno) que ali instalara um moinho de trigo e mais tarde construiu a primeira igreja de Piratini em 1811-12). As terras onde foram colocados os casais faziam parte de uma estratégia de ali barrar possíveis caminhos de invasão por espanhóis ao Rio Grande do Sul, ao longo do divisor da serra dos Tapes, a partir de Cerro Largo e atual Mello, através do passo Centurión (então Passo N.S. da Conceição) do rio Jaguarão. Na iminência de guerra, entre Portugal e Espanha, foram fundadas, no início de 1800, as atuais cidades de Caçapava, Encruzilhada e Canguçu, situadas sobre possíveis caminhos de potenciais invasões espanholas ao Rio Grande do Sul, sobre as serras dos Tapes e Herval.

Os casais se estabeleceram em Piratini de 1789 a 1807. O Tratado de 1777 imposto a Portugal desgostara sobremodo os rio-grandenses. E de 1777-1800 houve um grande esforço de Portugal para infiltrar seus súditos em território motivo de disputa entre Portugal e Espanha. E ao sul do Piratini disto se encarregou o comandante da Fronteira do Rio Grande e sesmeiro em Cerrito atual, o Mar Manoel Marques de Souza, denominação histórica da 8ª Bda Inf Mtz de Pelotas, cuja proposta vitoriosa foi por nós instruída. Infiltração iniciada ao sul de Piratini já antes de 1784 e que foi percebida e denunciada pelo espanhol Feliz Azara, fundador de São Gabriel, alertando que se ali não se criar núcleos espanhóis, em quatro anos a Espanha perderia o território, no caso em tela, entre os rios Piratini e Jaguarão. E esta perda aconteceu logo.

E Piratini como Vila dos Casais formou na Vanguarda desta infiltração portuguesa, ao ponto de 11 anos antes da Guerra de 1801 ali haver estabelecido açorianos para um duplo papel de soldado e agricultor. E para esta infiltração muitos açorianos se deslocaram de Estreito, Mostardas e Povo Novo

para a fronteira então no corte do Piratini, em Canguçu, Vila Freire e Cerrito atuais, de onde muitos partiriam para a conquista da estância própria nos territórios conquistados em 1801 entre os rios Piratini e Jaguarão e nos Sete Povos das Missões em guerra financiada pelos estancieiros gaúchos. Coincidente com a instalação de 48 casais em Piratini, em Canguçu, a Real Feitoria do Linho Cânhamo do Rincão do Canguçu (1783-89), com sede em Canguçu Velho atual, era transferida, por questões de segurança, de provável Zona de Guerra para São Leopoldo. Assim, em 01Jan1880 era fundada Canguçu atual como capela curada. E, numa encruzilhada e nó orográfico, no dorso da Serra dos Tapes, capaz de barrar caminhos provenientes de Mello, no Uruguai, ou de Rio Pardo demandando Rio Grande e vice-versa. A sede da Real Feitoria passou a ser conhecida então como Canguçu Velho.

Em 1801 aconteceu a vitoriosa guerra de 1801 que dilatou a fronteira de Portugal com a Espanha, do rio Piratini ao Jaguarão e do Taim ao Chuí. Guerra que reestudamos e a reinterpretamos em **História da 3ª Região Militar** (Porto Alegre: SENAI,1994). Em 1811 teve lugar a fundação de Bagé por Diogo de Souza. Em 1816 e 1820 agitou-se a fronteira com as guerras contra Artigas, tendo chegado de Portugal a Divisão de Voluntários Reais. A insegurança na fronteira do Vai Vem elegeu Piratini situada sob a proteção da serra dos Tapes, como local seguro para se viver. E para Piratini migraram famílias que construíram boas casas antes mesmo da guerra de 1801 e até 1832, inclusive palacetes e sobrados que iriam abrigar a República Rio-Grandense e até hoje de pé. A Guerra Cisplatina 1825 -28 de que resultou a independência do Uruguai do Brasil, do qual fora Província Cisplatina por 5 anos, provocou mais migrações para Piratini. E no final desta guerra ali o Exército Brasileiro esteve acampado no inverno de 1828 até ser desmobilizado em 18Dez1828. E em Piratini radicaram-se e casaram muitos militares desmobilizados como o Alferes Antônio Joaquim Bento (pai) nosso trisavô, com Cecília Matos de Guimarães, filha do citado José Mattos, construtor da igreja local. O Alferes Antônio Joaquim seria o primeiro professor do Alegrete nomeado pelos farrapos e seu filho Antônio Joaquim Bento seria o primeiro professor régio de Canguçu em 1857. Este teve um irmão chamado Carlos Frederico Lecór Bento, o avô do ex-prefeito de Cerrito Genes Leão Bento, nome homenagem de seu pai amigo do General Lecór e Visconde de Laguna com quem viera de Portugal integrando a Divisão de Voluntários Reais. Assim, Piratini que passou a ser conhecida como a **Vila dos Casais**, tornou-se localidade segura e atrativa, crescendo a cada dia a sua população, prosperando e, em especial com a produção de trigo em suas terras férteis e, com o dorso da serra dos Tapes assegurando comunicações a cavalo e de carretas “sem molhar-se as patas dos cavalos das mulas e das boiadas”.

A instalação da Vila de Piratini

Piratini foi instalada em 07Jun1832 decorridos 33 anos do início de seu povoamento. Dos 40 signatários da ata de fundação registramos: Bento Gonçalves da Silva, Ubaldo Pinto Bandeira (irmão do Brigadeiro Pinto Bandeira), o mais tarde Comendador Manoel José Gomes de Freitas (grande historiador, nascido e batizado em Canguçu), Serafim José da Silveira, José de Matos Guimarães, Bernardo Pires (O simbolista farrapo e bisavô do historiador e tradicionalista Major Ângelo Pires Moreira e pai da idéia de criação do município de Canguçu em 1857).

Na eleição para a 1ª Câmara de Piratini foram os 8 mais votados: Vicente Lucas de Oliveira (último Ministro da Guerra farrapo) - 361 votos; Manoel Rodrigues Barbosa -334; Manoel Gomes de Guimarães Filho - 294; Serafim José da Silveira - 274 (e que não assumiu por haver sido eleito juiz ordinário); Manoel José da Silva Santos Veleda - 215; José Pereira da Silva Cacório - 203 e Ramão Garcia Vasconcelos - 194 .

A Câmara de Piratini - a constituinte da República Rio Grandense

Estourando a Farrroupilha em Porto Alegre em 20Set1835 ela saiu a campo. Em 10Set1836 Antônio Neto venceu o combate do Seival com sua Divisão Liberal integrada por habitantes do vasto município de Piratini. E a frente dela, no outro dia, no Campo do Meneses, proclamou a República. O importante foi que a Divisão Liberal de Neto resultou da transformação da Legião de Guardas Nacionais do Termo de Piratini criada em 14Out1835 pelo Presidente da Província, tendo como Chefe o Cel Antônio de Souza Netto. Este, tio do mais tarde General Zeca Mattos Netto, revolucionário de 23, filho

de Rafaela Mattos (nossa tia bisavó materna, por irmã do Ten Cel Theophilo de Souza Mattos que comandou os canguçuenses na Guerra do Paraguai e ambos filhos de Ana Rodrigues de Sena ligada à estirpe dos Lemes segundo a genealogista Ilka Guittes Neves, do Colégio Genealógico Brasileiro em pesquisa **Dos Lemes aos Moreira Bento de Canguçu**. Legião organizada pela Câmara de Piratini com o nome de Corpo com 2 esquadrões, totalizando 4 companhias com as seguintes paradas: Piratini, Bagé, Canguçu e Cerrito (Vila Freire e atual Cerrito). As companhias de Piratini e Bagé formaram o 1º Esquadrão. As de Canguçu e Cerrito formavam o 2º Esquadrão. Ao 1º Esquadrão se incorporaram guardas nacionais dos atuais municípios de Pinheiro Machado, Hulha Negra e Candiota. Foram estes guardas nacionais farrapos que colheram as glórias de Seival. Combate que descrevemos e analisamos militarmente pela primeira vez em **O Exército farrapo e os seu chefes**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1992 v.2. Combate que criou condições para a proclamação da República no dia seguinte em Campo do Menezes e assim decretada pela Câmara de Piratini depois de assumir o papel de Constituinte da República Rio Grandense para formalizá-la juridicamente. Pois decorridos 56 dias da vitória de Seival, em 05Nov1836 a Câmara de Piratini se reuniu e deliberou:

- 1- Assumir o papel de Constituinte (provisória) da novel República Rio Grandense (daí a chamarem imprópriamente República de Piratini);
- 2- Proclamar independente do Império do Brasil a Província do Rio Grande;
- 3- Declarar a Província do Rio Grande do Sul estado livre, constitucional e independente com a denominação de Estado Rio Grandense;
- 4- Poder ligar-se o Estado Rio Grandense por laços de federação a outras províncias que adotarem a República.

Assinaram estas importantes decisões históricas os vereadores Vicente Lucas de Oliveira, Manoel José da Silva Santos Veleda, Serafim José da Silveira, Antônio Correia da Silva, João Antônio de Moraes e José Pereira Cacório.

No outro dia a mesma Câmara, ausente Silva Verde (por doente) presidiu as seguintes eleições:

- Do Cel Bento Gonçalves da Silva (preso no forte do Mar em Salvador) para Presidente da República, tendo como substituto eventual no seu impedimento, o seu amigo José Gomes Jardim, um tutor de fato e de direito da República.

- Dois vice-presidentes: Paulino da Fontoura, Major José Mariano de Matos e Ignácio José de Oliveira Guimarães.

Segundo a tradição, o vereador Serafim José da Silveira (nosso trisavô e do citado Major Ângelo e tetravô de Barbosa Lessa) para evitar que o vice-presidente Paulino da Fontoura assumisse o governo por ser conhecido boêmio, e conquistador, criou a figura aprovada de Gomes Jardim assumir a Presidência.

Esta mesma Câmara deu posse a Bento Gonçalves na Presidência em 16Dez1837. Entre os vereadores mais uma vez José Serafim da Silveira que a presidiria de 1842-45. Piratini foi capital farrapa de 10Nov1826 a 07Jan1837; de 26Mai1837 a 14Fev1839 e de 04Mai1843 até o final da revolução. Ou seja, teria abrigado o governo por cerca de mais de 3 anos. O período áureo da República Rio Grandense teve Piratini como capital. Foram aprovadas a bandeira, brasão e hino rio-grandense e ali editado o jornal **O Povo**, etc. Mas embora no campo militar a Revolução Farroupilha tenha terminado em 28Fev e 01Mar1845 em Dom Pedrito atual, ela continuou e continua no campo político. Farrapos que combateram em defesa do Brasil e não do Império nas guerras externas contra Oribe e Rosas 1851-52 e contra Solano Lopes do Paraguai 1865-70, levavam à guisa de bandeira o lenço farrapo idealizado por Bernardo Pires em Piratini, lembrando o ideal republicano. E a revolução republicana farrapa no campo político influenciou de modo marcante meios universitários de Direito em São Paulo, através da pregação de Assis Brasil que produziu a primeira versão farrapa da história da Revolução. Movimento este republicano que influenciou o ânimo do Mar Deodoro da Fonseca como Presidente do Rio Grande do Sul através de contatos que manteve com os republicanos Júlio de Castilhos e Assis Brasil na rumorosa **Questão Militar** que liderou. Mas não parou a influência política republicana do Decênio Heróico. Quatro oficiais nascidos no Rio Grande do Sul tiveram grande influência na conspiração e sucesso da Proclamação da República no Rio de Janeiro: o Ten Cel João Nepomuceno Medeiros Mallet

(filho de Bagé) o Major Sólton Ribeiro e o Capitão Mena Barreto (filhos de Porto Alegre) e o Coronel José Simeão de Oliveira (filho do Rio Grande). E a Revolução política farrapa continuou. Os ideais políticos da Revolução Farroupilha irradiados de Piratini foram consagrados pela Constituinte Gaúcha de 1891 que adotou como símbolos do Rio Grande do Sul a bandeira, brasão, hino, ideais e valores republicanos farrapos decididos em Piratini. E dentre eles o de **Firmeza e Doçura** inscritos no brasão sob a forma de dois amores perfeitos. E foi mais longe! Deu o nome a sede do Governo do Estado de Palácio Piratini em homenagem a Piratini a primeira capital farrapa onde a revolução republicana farrapa viveu os seus mais gloriosos dias. E foi em Piratini que nasceu Luiz Carlos Barbosa Lessa, filho de canguçuenses e tetraneto do vereador farrapo Serafim José da Silveira para, inspirado em Piratini, levantar a bandeira do tradicionalismo gaúcho no CTG 35 e ser consagrado por esta razão” um dos gaúchos que marcaram o século XX”.

Reflexão

Por tudo o que aqui foi escrito sobre Piratini e os municípios que o integravam quando capital farrapa, pela proclamação da República Rio-Grandense no campo militar em Seival, em 10Set1836 e no campo político em Piratini em 05Nov1836, era justo esperar-se que estas comunidades tivessem merecido um tratamento mais justo de parte do Rio Grande do Sul e do Brasil e das Tradições e História gaúchas. Mas não foi o que aconteceu! Celebrada a Paz, Piratini “**a cidade sagrada dos farrapos**” e hoje glória gaúcha, caiu no esquecimento. Foi discriminada pela Província e pelo Império. Foi engessada! De capital farrapa irradiadora da revolução republicana que até hoje influencia a República do Brasil, foi rebaixada a vila. E de lá para cá em nada se aproveitou administrativa e politicamente de seu pioneirismo republicano e, repetimos, e mesmo depois de proclamada a República. Mas os ideais republicanos farrapos vitoriosos pelos quais filhos do então município de Piratini lutaram e morreram em 1835-45 continuaram sendo louvados em especial nos CTGs. Mas nada para Piratini e por extensão Canguçu, cujas autoridades republicanas em todos os níveis as esqueceram, deixando-as se estagnarem como o desejou o Império. Filhos de Piratini e dos atuais municípios que o constituíam foram convocados em 1893 pelos governos do Estado e do Brasil para os defenderem. E eles pagaram alto preço com suas vidas imoladas inermes, por degola, por mercenários platinos no solo pátrio, depois de rendidos sob garantia de vida no covarde massacre federalista de 28Nov1893 no Rio Negro. Confirmar é obra de simples raciocínio e verificação das histórias dos municípios que forneceram os soldados para a vitória do Seival e que sustentaram a proclamação da República em Campo do Menezes, marco de uma revolução republicana brasileira civil ainda em curso no Brasil. E assim de tantas glórias e tradições republicanas e de cidadania com que enriqueceram o Rio Grande do Sul, pouco ou nada lhes valeu no campo político, administrativo e econômico. E lá continuam Piratini, Canguçu, Cerrito, Pinheiro Machado, Hulha Negra e Candiota (Menos Bagé até o Pirai que teve melhor sorte) esquecidos pelas lideranças republicanas estaduais e federais que os glorificam e exaltam moralmente, mas os esquecem administrativa, política e economicamente no sentido de premiá-los pelo heroísmo de seus antepassados celebrado anualmente na Semana Farroupilha, no Rio Grande do Sul e além. Ainda é tempo de exercício de gratidão cívica aos povos dos municípios atuais que constituam Piratini que ao que parece segundo um observador arguto se transformaram em **tradição** no Império e **vício** na República, com que se acostumaram e se conformaram as lideranças de Piratini e dos municípios que a integravam na Revolução Farroupilha. História é verdade e justiça! A verdade a relatamos. Falta a justiça a Piratini - como um sagrado símbolo gaúcho farrapo! (Por Cláudio Moreira Bento, Presidente do IHTRGS)

OS 155 ANOS DA PAZ FARRAPA DE D. PEDRITO EM 28Fev e 01Mar1845

Há 27 anos, publicamos na **A Defesa Nacional** (Jan/Fev1973) o artigo “Contribuição aos festejos do centenário de Dom Pedrito” pelo qual nosso ilustre confrade no IHTRGS, Adilson Nunes de Oliveira tem demonstrado apreço e nos considerado como um dos historiadores de D.Pedrito, o que muito nos honra. Nele, com apoio em mapas antigos pertencentes ao Exército, fizemos um retrospecto da história de D. Pedrito 1750-1845, com ênfase na pacificação da Revolução Farroupilha que teve por

cenário histórico as suas terras - Lagoa das Conchas, último acampamento farrapo e, margem direita na costa do Santa Maria, acampamento imperial do Barão de Caxias. Sobre estes locais históricos escrevemos então: "Eles se assemelham a duas irmãs siamesas. Não podem separar-se em projeção histórica quanto à pacificação da Revolução Farroupilha." E hoje vamos mais longe! Nestes locais teve lugar a pacificação da Família Brasileira e seu reencontro depois de cerca de 13 anos de lutas fratricidas que ameaçaram a Unidade Nacional e a transformar o Brasil numa colcha de retalhos de pequenas nações hostis entre si. E desta dualidade expressiva, penso que a paz farrapa melhor seria mencionada na História do Brasil e do Rio Grande do Sul como a **Pacificação Farroupilha de D. Pedrito, em 28Fev e 01Mar1845**, por sintetizar os dois fatos expressivos e de equivalente projeção. Ou sejam: Em 28Fev a reunião em lagoa das Conchas de todo o Exército Farrapo, com a leitura das proclamações farrapas de Davi Canabarro e Lucas de Oliveira e a imperial do Barão de Caxias e, em 01Mar, na Costa do Santa Maria, acampamento imperial, com a leitura da proclamação de Caxias, lida no dia anterior no acampamento farrapo e a expedição por Caxias, de Circular a todos os comandos imperiais subordinados, com a citada proclamação anexa. Circular que mencionava a certa altura: "**Pela leitura da proclamação, fica V.Mc ciente de estar terminada a guerra civil nesta Província**". Esta circular foi o selo da pacificação e ordem para a suspensão de todas as atividades bélicas. Enfim - a Paz !

Quando D. Pedrito era distrito de Bagé foi conhecido ao que parece, não oficialmente, como distrito da Paz ou da Pacificação, por haver sido cenário da Pacificação Farroupilha. Daí sugerimos, em 1973, o município chamar-se oficialmente de **D. Pedrito da Paz** ou **da Pacificação**. Mas a idéia evolui para melhor ao ser chamado por decreto pelo cognome de **D. Pedrito - Capital da Paz**. Mas poderia ao final, caso os pedritenses decidissem, talvez até em Plebiscito, chamar-se oficialmente **D. Pedrito da Pacificação** e como complemento o cognome **D. Pedrito a Capital da Paz**, de inspiração justíssima em 1970, segundo Nelso Oliva, da poetisa Marília Alencastro Maia. Um apodo de apelo turístico como: "Rio Grande, a Noiva do Mar", "Pelotas, A Princesa do Sul", "Canguçu, a Magnífica dos Cerros", "Piratini, a Capital Farrapa", "Bagé, a Rainha da Fronteira" e assim por diante.

Em 1973 sugeríamos que os locais históricos pedritenses de magna projeção histórica na preservação do objetivo nacional de Unidade Nacional fossem bem balizados e definidos.

E foi com imensa satisfação, ao lermos **D. Pedrito e a paz farroupilha**, conhecemos que o seu autor Nelso S. Oliva, um inspirado double de historiador e tradicionalista, recordou, com propriedade, os eventos de D. Pedrito relacionados com o Decênio Heróico e, fundamentalmente, em muita significativa contribuição à História do Brasil, localizou e ajudou a balizar com obeliscos, para a referência e reverência das futuras gerações, os seguintes locais históricos: Costa da Santa Maria - margem direita (hoje campos do Dr. Armando Azambuja de Almeida) local onde Caxias proclamou a Paz e expediu Circular dando por terminada a luta civil que durara quase 10 anos: Lagoa das Conchas (campo do Sr. Antero Assis Meireles), último acampamento farrapo, onde foram lidas em 28 Fev 1845 as três proclamações de paz Combate de Ponche Verde, local onde feriu-se em 26 Mai 1843 este combate indeciso; Quartel General Imperial do Barão de Caxias, no histórico e estratégico passo de D. Pedrito (onde Caxias esteve acampado com o Exército); Estância da Música, em campos do Sr. Carlos Machado e o local do combate do Santa Maria Chico, em campos do Sr. Virgílio dos Santos, onde ao descrever o combate, o historiador Nelso S. Oliva referiu ao sargento Fetter haver salvo Chico Pedro. Aquele, em realidade, o sargento imperial Jacob Fetter, tronco da ilustre família Fetter de Pelotas e alhures, cuja atuação militar resgatamos às páginas 484/490 da monumental obra genealógica, em 1977, **Os Vetter/Fetter - 170 anos no RGS**, de autoria do Deputado Federal pelotense Fetter Júnior.

É com muita satisfação que a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) que tem como seu patrono o Duque de Caxias, tão justamente reverenciado por Nelso Oliva, e o Instituto de História e Tradições do RGS (IHTRGS) acolhem e festejam o seu muito bem vindo **D. Pedrito e a Paz farroupilha**, com votos que ele aprofunde ainda mais no tema **D. Pedrito - A Capital da Paz**. Como estudioso do tema em **O Exército farrapo e os seus chefes 1992-93** e **Porto Alegre - memória dos sítios farrapos e da administração de Caxias** (Brasília: EGGCF, 1989), muito aprendi com Nelso Oliva em seu livro, acerca de detalhes da Pacificação. No último livro citado biografamos, pela primeira vez, Francisco Pedro Azambuja Brusque de Abreu, o grande guerrilheiro imperial que dominava a Guerra à

gaucha e que passou à História como Chico Pedro ou “Moringue” e consagrado mais tarde como Barão de Jacuí, lembrado também pela liderança de incursões no Uruguai chamadas Califórrias de Chico Pedro e comandante da Fronteira com o Uruguai na Guerra do Paraguai. Chico Pedro, que a partir de novembro de 1842 baseou sua Ala Esquerda do Exército de Caxias em Canguçu onde construiu a cadeia local (só demolida em 1939) para servir “como quarto de hóspedes farrapos”. Prédio que foi usado como Posto de Comando do Capitão Antônio Sampaio de 1846-49, atual patrono da Infantaria do Exército, como comandante de uma Companhia de Infantaria, para ali assegurar a Paz, a meio caminho das ex-capitais farrapas Piratini e Caçapava. Nélso S. Oliva é mais um historiador a substituir na trincheira do culto da História e da Tradição do Rio Grande do Sul, ilustres historiadores gaúchos falecidos, entre os quais os inspirados pedritenses Hélio de Almeida Brum e Laudelino Teixeira Medeiros que recorro para a reverência da terra pedritense que tanto amaram e honraram.

Sobre as condições honrosas da Paz Farrroupilha deixemos falar Bento Gonçalves da Silva, em carta que publicamos em **O Exército Farrapo e os seus chefes** (Rio: BIBLIEx, 1992, p.20) do qual doamos exemplar ao Museu Paulo Firpo e que foi alvo de estimulante artigo do confrade Adilson Nunes da Silveira na imprensa pedritense:

“Sabes (a Dionísio Amaro da Silva, em 06Mar1845) que por fim temos uma paz que só conseguimos pela generosidade do Barão de Caxias. Deste homem verdadeiramente amigo dos rio-grandenses que não podendo fazer-nos publicamente a paz, por causa da péssima escolha dos negociadores e da estupidez sem igual dos que a dirigiram, nos fez o Barão o que já não podíamos esperar, salvando assim, em grande parte a nossa dignidade”.

Dom Pedrito foi também palco, em 01Mar1945, da primeira libertação em massa de escravos e 43 anos da Lei Áurea, por iniciativa de Caxias, conforme temos escrito artigos com o título “Caxias pioneiro abolicionista”. Vejamos: Por sua conta e risco no Convênio de Ponche Verde, tão bem estudado pelo falecido amigo Oscar Wiedersphan, Caxias incluiu a seguinte cláusula . “4 -São livres e como tal reconhecidos todos os cativos que serviram a República.” Com isto desobedeceu ao Gabinete Liberal que assim desejava o teor desta cláusula; “5 - Os escravos que fizeram parte das forças rebeldes, depois de apresentados serão remetidos para esta Corte, à disposição do Governo que lhes dará o conveniente destino”. Segundo Wiedersphan o conveniente destino seria enviá-los para a Imperial Fazenda de Santa Cruz como escravos estatais .

Para desbordar esta ordem iníqua, os 120 ex-escravos lanceiros negros apresentados a Caxias em Ponche Verde e que se haviam celebrizado ao comando do canguçuense Cel Joaquim Teixeira Nunes, a maior lança farrapa, segundo o General Tasso Fragoso, Caxias os incorporou como livres à Cavalaria Ligeira do Exército. E usou o seguinte artifício: invocou o Aviso de 19Nov1838 que assegurava liberdade aos ex-escravos que desertassem do Exército Farrapo e se apresentassem às autoridades imperiais. E foi assim que evitou o envio deles para o Rio. Daí o seu pioneirismo abolicionista tendo por testemunha os campos pedritenses de Ponche Verde. Evento histórico de grande projeção na conquista do objetivo permanente de Paz Social. D. Pedrito, em realidade, é o exemplo da “Fronteira do Vai e Vem” (mencionada por Helio Moro Mariante em poesia épica), na disputa entre espanhóis e portugueses. O atual território de D. Pedrito foi Espanhol pelo Tratado de Tordesilhas. Espanhol e Português pelo Tratado de Madrid, tendo o Santa Maria como Fronteira. Espanhol pelo Tratado de Santo Ildefonso de 1777. Mais uma vez Português e Espanhol pela conquista de seu território na margem esquerda do Santa Maria na Guerra de 1801, tendo este novamente como Fronteira e, somente português, com a conquista portuguesa em 1812, por D. Diogo de Souza do distrito de Entre Rios entre os rios Santa Maria, Ibicuí, Uruguai e Quaraí. Esta confirmada em 1821 com a incorporação do Uruguai ao Brasil português como Província Cisplatina e, consolidada com a Independência do Uruguai em 1828. Estes são pontos da bela História pedritense, com marcos luminosos na batalha para a conquista da Unidade Nacional, com a Paz farroupilha e da Paz Social, com a libertação de escravos por Caxias, 43 anos antes da lei Áurea (Por C. M. Bento Presidente do IHTRGS).

NOTAS DIVERSAS - Notícias de sócios efetivos que nos chegaram à redação de O Gaúcho
EDSON OTTO: Com edições do **Tradição** cada vez mais substanciais e bonitas.

JOSE CONRADO DE SOUZA: Com significativa oração no Monumento a FEB, evocativa do 55º aniversário da Vitória na 2ª Guerra Mundial .

LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS: Estreando no **Tradição** com artigo **A Viagem** comemorativo dos 500 anos do Descobrimento.

CARLOS FONTES: de Uruguaiana. Com artigo no **Tradição** evocando a Flotilha do Alto Uruguai, episódio da Guerra do Paraguai e realizando mostra de sua obra pictórica.

PEDRO ARI VERÍSSIMO DA FONSECA: de Passo Fundo. Com brilhante comunicação no Certame de Tropeirismo e Bom Jesus com o tema TROPAS (de Mulas, de Vacuns, de Cavalos, de Porcos. Estes de pequenas propriedades, de encerra, soltos, de roça e o binômio porco-milho). Originalíssimo. Conhecemos em Canguçu tropas de perús, também.

OSORIO SANTANA FIGUEIREDO: Lançando a 2ª edição de seu apreciado **Carreteadas heroicas**, com orelha de apresentação pelo presidente Cláudio Moreira Bento. Presidiu o Encontro Internacional de História em Rosário do Sul em 15/16 abril em parceria IHTRGS/Prefeitura local. Encontro denominado IVO CAGGIANI.

MORIVALDE CALVET FAGUNDES: com suas Memórias prefaciadas pelo presidente Cláudio Moreira Bento a espera de um editor.

AROLD MEDINA: Em voltas com a dinamização e modernização do Museu da Brigada Militar que dirige.

CLAUDIO MOREIRA BENTO: Reverenciou a memória de DANTE DE LAYTANO no IHGB e a de IVO GAGGIANI no Instituto Militar de Engenharia como o maior historiador residente na imensa fronteira brasileira e abordou o tema Projeções culturais da Revolução Farroupilha na obra do **CIPEL/RS no contexto do Brasil**, alusiva aos 500 anos do Descobrimento.

JOSÉ LUIZ SILVEIRA: na citada obra do CIPEL abordou a Revolução Federalista de 93.

ARMANDO ECIQUO PEREZ e CAIRO MOREIRA PINHEIRO: focalizaram na Revista Canguçu 200 anos, organizada pelo Presidente, o Tradicionalismo em Canguçu e sua projeção no Tradicionalismo através de Luiz Carlos Barbosa Lessa no MTG e do Presidente no IHTGRS.

ÂNGELO PIRES MOREIRA: Prossegue em seus estudos sobre a vida do grande fronteiro Marechal Manoel Marques de Souza I, o primeiro gaúcho a governar o Rio Grande do Sul como unidade autônoma e atual denominação histórica da 8ª Bda Inf Mtz.

RECORDANDO IVO LEITES GAGGIANI

Foi o primeiro sócio fundador do IHTRGS participando de sua fundação em Pelotas. Nasceu em Santana e ali faleceu aos 67 anos. Sua obra de historiador de Santana se projeta de maneira notável na História do Rio Grande. Em sua **História de Santana** em 3 v. balizou a História do seu amado torrão natal. E mais biografou Davi Canabarro seu parente, Cel João Francisco - a hiena do Cati, Flores da Cunha, Honório Lemes e, em inédito, o Marechal Nelson de Mello. A AHIMTB e o IHTRGS em parceria com a Prefeitura de Rosário organizaram em 15-16 abril o 4º Encontro Internacional de História, ao qual foi dado de justiça Ivo Caggiani, homenagem que conheceu e o deixou muito feliz 4 dias antes de sua morte. Ivo Caggiani era o maior historiador residente na imensa fronteira brasileira do Rosário e foi o guardião da memória e tabelião dos tempos da gente heróica de Santana. Valia por uma academia inteira. Foi historiador singular que além de preservar a obra literária de santanenses em seu Museu **Folha Popular** registrava e arquivava diariamente os fatos de sua amada cidade. E do seu avantajado volume e peso fala a lenda que assim Deus o quis para pudesse possuir um coração enorme capaz de com conforto abrigar o seu enorme amor pela terra e gente santanense. Sua obra foi relacionada por Pedro Villas Boas em **Dicionário Bibliográfico Gaúcho**. Osório Santana Figueiredo em inspirado artigo em São Gabriel fez o seu necrológio em nome dos integrantes do IHTGRS. Queira Deus que Santana saiba aproveitar a obra. Descansa em paz. Missão cumprida para com a tua Santana!!!